

FLORESTAN FERNANDES E AS LUTAS DE CLASSE

Silvia Letícia Carneiro Araújo¹
Universidade Estadual do Ceará
E-mail: sleticiaaraujo@gmail.com

Lucíola Andrade Maia²
Universidade Estadual do Ceará
E-mail: luciolamaia1313@gmail.com

Este texto foi elaborado com base em estudos realizados no decorrer da pesquisa *A obra de Florestan Fernandes, teoria e método - interpretação da realidade brasileira*. Seus objetivos consistem em realizar um resgate da vida de Florestan Fernandes, com foco inicial na sua infância negada, tendo sido, pelas circunstâncias sociais, obrigado a deixar a escola muito cedo e ir para rua em busca de recursos para ajudar sua mãe. Trabalhando em diversas áreas, de engraxate a garçom, sua vida é marcada pelo interesse aos estudos, e com a sua ascensão à universidade, foi um momento de muitas descobertas e novas criações, sendo um importante passo para a comunidade acadêmica. E, por conseguinte, faremos uma breve análise das lutas de classes, da relação opressor-oprimido e o trabalho como constituição do ser social. Utilizamos a metodologia da pesquisa bibliográfica com a leitura e interpretação dos teóricos: Florestan Fernandes, Laurez Cerqueira, Antônio Cândido, István Mészáros e Karl Marx. Portanto, busca-se ampliar os conhecimentos sobre a vida e as obras de Florestan Fernandes acerca de lutas constantes por um mundo mais justo para a classe trabalhadora, em que os oprimidos sejam protagonistas de sua própria história e sujeitos de suas ações e escolhas.

Palavras-chaves: Florestan Fernandes, Educação, Trabalho, Luta de classe, Socialismo

¹ Graduanda em Pedagogia, Universidade Estadual do Ceará - UECE. Bolsista FUNCAP pela Pesquisa “Do pragmatismo ao neopragmatismo: o caminho tortuoso do conhecimento”.

² Professora do Centro de Educação – Universidade Estadual do Ceará – UECE. Doutora em Educação Brasileira.

FLORESTAN FERNANDES E AS LUTAS DE CLASSES

Acho que a coisa mais difícil que fiz,
Foi permanecer fiel as minhas classes de origem
Florestan Fernandes

Florestan Fernandes desde criança conheceu de perto a realidade das ruas e das lutas de classe, tendo vivenciado os diversos tipos de exploração e negação de seus direitos. Nasceu em 22 de julho de 1920, em São Paulo capital, de um parto de risco, devido à desnutrição de sua mãe. Oriundo de família pobre e humilde, não tendo a presença de seu pai e, de acordo com a cultura da época, eram negados o respeito e a dignidade a qualquer mulher que tivesse um filho sozinho¹, dona Maria, mãe de Florestan Fernandes diante dos conflitos culturais e com pouca condição financeira, optou por se mudar de cidade, levando consigo a criança Florestan Fernandes.

Florestan Fernandes encantava as pessoas em sua volta, quando recém-nascido à patroa de sua mãe, para quem dona Maria prestava serviços domésticos, que seria a madrinha de Florestan Fernandes, na hora do batismo disse “que esse nome era para gente de classe social elevada, não para filho de lavadeira” (CERQUEIRA, 2004, p.12). Este foi um dos primeiros conflitos sociais que Florestan Fernandes viveu, a não permissão de escolha do próprio nome, passou então, a se chamar Vicente, nome segundo a classe social elevada considerava ideal para uma criança pobre, mesmo com essa negação dada ao seu filho, sua mãe ainda resistia em garantir a identidade criada ao seu filho e o chamava pelo nome que lhe foi dado ao nascer.

As mudanças de residência foram constantes, sua mãe chegou a morar em diversas casas, assumindo diversas funções, mas nunca deixando seu filho e sem fazê-lo perder o contato com a madrinha. Em uma das visitas à casa da madrinha de Florestan Fernandes, a mesma pediu para cuidar de “Vicente”, que, nesse período, passou a frequentar uma escola pequena. Porém a permanência na escola não durou muito, a madrinha insistiu em ficar definitivamente com Vicente, o que fez com que dona Maria o levasse de volta para casa e lhe

¹ Vale salientar que na década de 1920, a cultura dominante era a patriarcal e os valores de uma mulher eram medidos pelo casamento e pelos cuidados da casa. Nos anos seguintes, as famílias foram sofrendo alterações em sua estrutura e a mulher conquistou novos espaços educativos, profissionais e sociais.

respondendo que “não se dá filho, o que se dá são cães”². Sobre esse modo biográfico de Florestan Fernandes, Cerqueira escreve que

O retorno ao convívio com a mãe roubou-lhe a infância. A falta de recursos, as mudanças constantes, os miseráveis lugares onde morou, o trabalho infantil, tudo isso prejudicou sua formação escolar, impedindo-o de cursar regularmente a escola primária. (CERQUEIRA, 2004, p. 15)

Com o retorno a convivência familiar, com o pouco dinheiro que sua mãe tinha para o sustento diário, a criança Florestan Fernandes com quase sete anos já conhecia de perto a dura realidade das ruas, trabalhava engraxando sapatos, encerando casas, ajudando em fábricas de colchões, sendo ajudante de açougue, marcenaria, entregador de compras e remédios, entre outros trabalhos, fazia tudo o que estivesse ao seu alcance para garantir algum trocado para ajudar sua mãe.

Desde cedo aprendeu a lidar com as crises financeiras, percebia que em alguns dias ganhava menos dinheiro do que em outros, então calculou o valor fixo que deveria ter todos os dias para dar a sua mãe, para que não faltasse dinheiro em nenhum momento, o excedente guardava em uma pequena buraco feito no colchão em que dormia.

Com a vivência das ruas Florestan Fernandes se envolveu em diversos conflitos urbanos e sociais, teve envolvimento em brigas de rua, por disputa de territórios, prestava serviços para pessoas que não queriam lhe pagar a devida remuneração, era tratado como animal, como uma pessoa de classe inferior. Embora fosse uma criança das ruas³, era uma criança diferente das outras, segundo Cerqueira:

Apesar das dificuldades, Florestan era uma criança bem cuidada pela mãe, e trabalhava com a responsabilidade de um provedor, não era como muitas outras que viviam na rua, abandonadas pelos pais. Seu jeito chamava a atenção e isso lhe rendia clientes fixos nos cantos das praças, mas também provocava reações de despeito e desavenças. (2004, p. 18)

Embora com diversas dificuldades enfrentadas, a criança Florestan Fernandes não se deixava abalar, vivia sua infância da forma que a mesma permitisse, a fantasia e a imaginação se fizeram presentes nesse momento e acredita-se terem sido muito importantes para o seu crescimento, pois era isso que o fazia não perder as esperanças, era a sua válvula de equilíbrio como ele mesmo falava e dizia ainda que

² Ibid. p, 15

³ São as crianças que passam momentos na rua e depois retornam para alguma residência, diferentemente de crianças de ruas, que são aquelas que buscam sobrevivência nas ruas e fazem delas o seu lar.

Se tinha pouco tempo para aproveitar a infância, nem por isso deixava de sofrer o impacto humano da vida nas trocinhas e de ter réstias de luz que vinham pela amizade que se forma através do companheirismo (nos grupos de folguedos, de amigos de vizinhança, dos colegas que se dedicavam ao mesmo mister, como meninos de rua, engraxates, entregadores de carne, biscateiros, aprendizes de alfaiate e por aí afora). O caráter humano chegou por essas frestas, pelas quais descobri que o grande homem não é o que se impõe aos outros de cima para baixo ou através da história; é o homem que estende a mão aos semelhantes e engole a própria amargura para compartilhar a sua condição humana com os outros, dando a si próprio, como fariam os meus Tupinambá. Os que não têm nada que dividir repartem com os outros as suas pessoas.⁴ (FERNANDES *apud* CERQUEIRA, 2004, p. 24)

No entanto, diante de tantas dificuldades, Florestan Fernandes tinha uma imensa vontade de aprender e não hesitou em deixar de fazer o que realmente gostava: os estudos.

A LEITURA DE MUNDO, UMA REALIDADE ATÉ ENTÃO NEGADA

Tendo desempenhado diversas funções, Florestan Fernandes teve uma que o mais agradou e contribuiu na formação do que é hoje o sociólogo Florestan Fernandes, a profissão era a de garçom. Foi trabalhando de garçom que Florestan Fernandes, na época, em torno dos 14 ou 15 anos, decidiu retornar aos estudos. Os clientes percebiam a grande dedicação que o jovem tinha com a leitura e doavam muitos livros e o incentivavam a estudar. Andava com os livros debaixo do braço, lia debaixo do balcão, nos bancos das praças.

A sua leitura ia de contos, novelas, ficção, folclore até leituras mais densas de cunho político social. Entre os quatorze e os dezessete anos, Florestan “andou lendo ensaios e livros de Marx, Engels, Lenin, Rosa Luxemburgo, Bakunin, Proudhon e vários outros autores dessa linhagem” (CERQUEIRA, 2004, p. 26).

Após o incentivo de um jornalista, cliente do bar onde Florestan trabalhava, decidiu retornar a Escola se matriculando em um curso de madureza, em que o ginásio era cursado em três anos. Relata que ao chegar em casa empolgado ao contar para a mãe a novidade, ele não foi bem recebido, tendo ouvido de sua mãe que a mesma não concordava, pois ele iria esquecê-la e se tornaria um homem vaidoso com vergonha de sua mãe analfabeta. Contrariando a vontade da mãe e com dificuldade para pagar as mensalidades e de continuar fazendo o papel de aluno-trabalhador, Florestan Fernandes não desistiu e continuou seu curso,

⁴ Guardadas as devidas proporções, é provável que a história de vida de Florestan Fernandes tenha contribuído para torná-lo um sociólogo do porte desse educador. As dificuldades pelas quais passou podem ter contribuído para analisar a condição de sociólogo no Brasil.

mesmo quando a Escola mudou de endereço, ficando mais distante de seu trabalho e sua residência, ele resistiu e concluiu o curso secundário e colegial.

Concluído o curso, Florestan Fernandes queria cursar o ensino superior, gostava de química, porém era um curso com alto custo e teria dificuldade para conciliar o trabalho com os estudos. Procurou um curso ao seu alcance e a partir de leituras lidas, o curso escolhido para tentar a seleção foi o de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo-USP, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Vale salientar que essa decisão tomada por Florestan Fernandes para a escolha do seu curso é algo ainda vivido nos dias de hoje, em que o ensino público não oferece oportunidades para o jovem trabalhador cursar o curso que deseja no horário que lhe permita conciliar trabalho com a universidade. Criando, portanto, profissionais com desejos duvidosos com aquilo que fazem, trabalham bastante, mas não têm paixão pela atividade exercida, salvo algumas exceções de alunos que se encantam pelo curso que estão fazendo.

A seleção universitária era composta por um sorteio de pontos que o aluno deveria comentar e responder as perguntas dos professores da banca examinadora. Pontos estes retirados de um livro em francês. Florestan Fernandes mal lia em português. Diante da situação a banca se reuniu e aceitou o pedido para que ele pudesse fazer a seleção em português. Eram 29 candidatos, seis foram aprovados, entre eles estava Florestan Fernandes.

Crescia desesperadamente, com força e vontade de transformar seus sonhos em realidade, Florestan Fernandes dizia que “O Vicente que eu fora estava finalmente morrendo e nascia em seu lugar, de forma assustadora para mim, o Florestan que eu iria ser” (FERNANDES *apud* CERQUEIRA, 2004, p. 36).

Em 1941, Florestan Fernandes inicia o curso de Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Segundo Antônio Cândido (2001) a carreira de Florestan Fernandes se definia em três momentos: anos 40, voltado para o conhecimento, o saber, tendo como foco a construção de sua tese sobre os Tupinambás; anos 50, período de grande formação teórica e intelectual, com foco nos negros e os anos 60, em que misturam-se todos os momentos de Florestan Fernandes se acentuando sua produção intelectual analisando a conjuntura política e os movimentos de esquerda, a sua aproximação com o Partido dos Trabalhadores e sua atuação na constituinte, intensificando, assim, suas práticas como sociólogo, militante, pensador e político brasileiro.

Florestan Fernandes veio a falecer em 1995, com 75 anos e um conjunto de títulos acadêmicos e trabalhos publicados que, sem dúvida, servem como importantes referências para a geração do presente e do futuro, suas obras e seus escritos estarão sempre vivos em nossas teorias e práticas.

O TRABALHO COMO CONSTITUIÇÃO DO SER SOCIAL

O “grande homem” não é o que se impõe aos outros de cima para baixo ou através da história: é o homem que estende a mão aos semelhantes e engole a própria amargura para compartilhar a sua condição humana com os outros, dando-se a si próprio, como fariam os meus Tupinambá. Os que não têm nada que dividir repartem com os outros as suas pessoas.
Florestan Fernandes

O que nos diz a citação acima reflete com muita clareza aquilo que era Florestan Fernandes, um homem humilde, que desde criança vivenciou a grande amargura de uma vida de negações e das lutas de classes e, mesmo diante de tantas dificuldades, não se submeteu aos limites que o sistema lhe impôs.

A história do povo é uma história de luta de classes. Ao resgatamos a história humana desde sua origem percebemos que o sujeito homem, vive e sempre viveu em antagonismos de classe, em que perpassa duas relações sociais: a do opressor e a do oprimido.

Na história, opressores e oprimidos eram denominados com diversas nomenclaturas, com maneiras diferenciadas de imposição do poder e conseqüentemente de repressão, segundo Marx, seriam eles,

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimido, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta. (MARX, 1998, p. 01)

Embora com variadas denominações, a relação do opressor era bastante similar em todas as épocas históricas das lutas de classe. O opressor se mantinha e se mantém como o senhor absoluto de toda a riqueza local, em que todo o poder se concentra nas mãos de poucos

e estes poucos podem ter o poder, além dos bens materiais, como também do ser humano, podendo assim mandar e desmandar em toda a população.

Este poder é representado principalmente sob a forma do trabalho. O trabalho é a base da construção do ser social, e esteve (está) presente em todas as lutas de classe. O trabalho do opressor é realizado pelo oprimido, em que o opressor tem o trabalho de cobrar, explorar e oprimir o trabalhador, para que o mesmo continue sustentando o não trabalhador, humilhando e maltratando, e retirando dele o que é fruto do seu próprio trabalho, ou seja, “O não-trabalhador faz contra o trabalhador tudo o que o trabalhador faz contra si mesmo, mas não faz contra si mesmo o que faz contra o trabalhador”. (MARX, 2004, p. 89).

No entanto, o oprimido é mantido como o homem que trabalha e que deve servir de sua mão de obra para a permanência do opressor no poder e para que o opressor não precise trabalhar e que tenha seu sustento e excesso de riqueza garantidos por gerações.

O oprimido, embora isso não seja reconhecido, é o que faz a economia girar, é ele que trabalha e garante a vida do não trabalhador, é ele que constrói uma casa, é ele que planta os alimentos, é ele que cuida dos animais, entre outras atividades. A condição de oprimido é primordial para que a luta de classes continue.

Para tanto, Marx nos diz que,

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. (2004, p. 89)

Marx diz ainda que “O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria...” (MARX, 2004, p. 80). Portanto para continuar enriquecendo o não trabalhador, o trabalhador tem que trabalhar sempre mais e este trabalho vem para ele como um trabalho que não é dele, que não tem sentido, um trabalho que é estranhado à sua vida.

Na sociedade atual, a sociedade burguesa, advinda das ruínas da sociedade feudal, trouxe consigo os antagonismos de classes, dessa vez denominados de burgueses e proletários. Trouxe também novas relações sociais, o homem passa a trabalhar em troca de um salário.

A burguesia chega com força, quebrando e derrotando todas as fronteiras de qualquer outra forma de organização social, “o capital procurou demolir todos os obstáculos que permaneciam no caminho de sua plena expansão e porque ele deve continuar a fazê-lo enquanto o sistema perdurar” (MÉSZÁROS, 2000, p.13). O capitalismo impôs sua soberania, como a única e verdadeira fonte de melhoria para o homem, o que na realidade é uma maneira inconsciente ou não para o operário, de escravizá-lo.

Segundo Marx e Engels,

A burguesia submeteu o campo à cidade. Criou grandes centros urbanos; aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação à dos campos e, com isso, arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida rural. Do mesmo modo que subordinou o campo à cidade, os países bárbaros ou semi-bárbaros aos países civilizados, subordinou os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente. (1998, p.4)

Na sociedade burguesa, o proletariado foi considerado um mero meio de produção, em que ele produz e o que ele produz não é para ele, e sim para satisfazer a economia global, na qual quem adquire o produto do seu trabalho é quem tem dinheiro para comprar, e, por diversas vezes, o próprio operário não tem condições de comprar o que ele produziu. O trabalhador passa a ter um valor nessa sociedade, ele se torna uma mercadoria, em que é muito mal remunerado e submetido a humilhações e opressões.

Ressalta Mézáros que,

Através da redução e degradação dos seres humanos ao *status* de meros “custos de produção” como “força de trabalho necessária”, o capital pode tratar o trabalho vivo homogêneo como nada mais do que uma “mercadoria comercializável”, da mesma forma que qualquer outra, sujeitando-a as determinações desumanizadoras da compulsão econômica (MÉSZÁROS, 2000, p, 8)

Portanto, a educação para Florestan Fernandes era um caminho para a emancipação humana, pois um ser consciente era capaz de criar instrumentos para modificar o mundo. Porém, a educação é um grande desafio, pois,

É a estrutura de classes sociais que impede qualquer forma de distribuição das oportunidades educacionais entre todas as classes, marginalizando as classes subalternas da participação educacional, cultural e política “equitativa” e “democrática”. (FERNANDES, Revista ADUSP, 1995, p. 9)

Florestan Fernandes enfatizava que “os de baixo”, como ele assim chamava a classe social excluída e oprimida, poderiam se tivessem uma formação social e um senso crítico

desenvolvido, lutar por uma sociedade justa e modificar esta sociedade burguesa, pois “os de baixo” compreendem de perto as dificuldades do dia a dia.

Florestan Fernandes defende a conscientização política, como elemento de transformação social. Seria uma ameaça para o capitalismo: massas pensantes, agentes reais de mudança vislumbrando uma sociedade mais justa e igualitária. (FERNANDES *apud* MAIA, 2010, p. 86)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos vivendo em um tempo de crise, um tempo em que os trabalhadores lutam pela sobrevivência. Estes vivem à mercê da marginalidade constante deste mundo desumano e desigual, onde se compram roupas, comida e a própria dignidade.

Florestan Fernandes, que se tornou educador, sociólogo, militante e um exemplar político brasileiro, viveu de perto as negações que o sistema capitalista cria, porém como poucos, ele conseguiu se superar a este sistema e expor à sociedade, com muita dificuldade, que precisamos nos educar, precisamos de formação, de senso crítico, de lutar por uma nova sociedade que garanta oportunidade para todos.

Não podemos vender nossos corpos e nossas almas, isso é uma das poucas coisas que realmente possuímos e isto não tem valor de troca. Assim como Florestan Fernandes, devemos lutar ferozmente e combater essa burguesia.

Eu nunca teria sido o sociólogo em que me converti sem meu passado [...]. A criança estava perdida neste mundo hostil e tinha de voltar-se para dentro de si mesma para procurar nas ‘técnicas do corpo’ e os ‘ardis dos fracos’ os meios de autodefesa para a sobrevivência. Eu não estava sozinho. Havia a minha mãe. Porém a soma de duas fraquezas não compõe uma força. Éramos varridos pela ‘tempestade da vida’ e o que nos salvou foi o nosso orgulho selvagem [...]. (FERNANDES *apud* MAIA, 2010, p. 112).

Conclui-se então que Florestan Fernandes, sociólogo, educador, militante e lutador brasileiro, sentiu de perto todas as amarguras das lutas de classe e soube com seu orgulho e vontade de mudanças conquistar seu espaço e não somente guardar o conhecimento para si, compartilhou com o mundo o seu saber, ensejando em corações e mentes desejos urgentes de mudanças sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA USP. **Florestan Fernandes**. REVISTA ADUSP. Nº 4. Out. 1995.

CÂNDIDO, Antônio. **Florestan Fernandes**. 1º ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

CERQUEIRA, Laurez. **Florestan Fernandes: vida e obra**. 1º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MAIA, Lucíola Andrade; PINHEIRO, Carísia Maia. **Mestres da educação socialista: Anton Makarenko e Florestan Fernandes**. 1º ed. Fortaleza-Ce, Printcolor Gráfica e Editora, 2010.

MARX, Karl. **Trabalho Estranhado e Propriedade Privada**. In. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo. Boitempo Editorial, 2004. P 79-90.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. 18ª Ed. Rio de Janeiro – RJ. Paz e Terra, 1998.

MÉSZÁROS, István. **A Crise Estrutural do Capital**. In. Revista Outubro. N. 4, São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 2000.